



O TRABALHO E A MORTE EM AUSCHWITZ

Jéssica de Andrade Espindula
Graduada em História – UFES

RESUMO: Quando falamos em nazismo, uma das primeiras coisas que vêm à mente são os campos de concentração. E dos vários campos que foram construídos a partir de 1936, o maior foi Auschwitz. Porém, ao falar de Auschwitz, o associamos de imediato a câmaras de gás e a solução final. O problema está exatamente nesse ponto, Auschwitz não era apenas um campo de extermínio, ele também era um campo de trabalho. Não podemos, é claro, ignorar o fato de que Auschwitz foi fundamental na execução da solução final. Porém, Também não podemos ignorar, que os campos eram laboratórios que demonstravam as crenças do regime, aonde realizavam experiências e que se tornou lucrativo. Grandes empresas como a I.G. Farben, abriram fábricas nos arredores do campo. O trabalho forçado também era utilizado como uma forma de extermínio e humilhação. Eram os próprios prisioneiros, no *Sonderkommando*, que preparavam os demais para as câmaras de gás e eliminavam os corpos nos crematórios, na tentativa de sobreviverem mais um dia. Além das fábricas que aproveitavam a mão de obra, no campo de concentração o trabalho dos prisioneiros se tornou fundamental. Afinal, eles que eliminavam as evidências.

Palavras- chave: Auschwitz; Nazismo; Campo de concentração; Extermínio; Trabalho.

ABSTRACT: When we talk about Nazism, one of the first things that come to mind are the concentration camps. And the various fields that were built from 1936, the largest was Auschwitz. However, when talking about Auschwitz, the immediately associate the gas chambers and the final solution. The problem is exactly that point, Auschwitz was not only an extermination camp, he was also a labor camp. We can not, of course, ignore the fact that Auschwitz was instrumental in implementing the final solution. But also we can not ignore, that the fields were laboratories that showed the beliefs of the regime, where performed experiments and became

profitable. Big companies like I.G. Farben, opened factories in the vicinity of the field. Forced labor was also used as a form of death and humiliation. They were the prisoners themselves, the Sonderkommando, who prepared the other to the gas chambers and eliminated the bodies in crematoria, trying to survive another day. In addition to the factories that took advantage of the workforce, in the concentration camp prisoners' work has become fundamental. After all, they eliminated that evidence.

Keywords: Auschwitz; Nazism; Concentration camp; Extermination; Work.

Os anos de 1933 a 1939 foram decisivos para a disseminação e concretização do antissemitismo nazista. Leis que proibiam os casamentos de judeus com alemães, proibição de cargos públicos e a Lei de Nuremberg, foram fundamentais para os ideais nazistas. Porém, até então, não se sabia até que ponto a população alemã havia aderido a esse antissemitismo. A resposta veio em novembro de 1938, com a *Pogromnacht*, “Noite dos Cristais”. Os nazistas foram às ruas, sinagogas foram destruídas, lojas de judeus saqueadas e mais pessoas mandadas para os campos.

[...] primeiro atentado concreto contra a integridade física e a vida dos judeus da Alemanha. O acontecimento marcou o fim dos atos antissemitas espontâneos e deu à administração nazista a certeza de que o povo alemão, em conjunto, reagia com indiferença à política antijudaica do regime. (VENEZIA, 2010, p. 197)

As prisões nos *Lager* iniciaram –se logo após o incêndio no *Reichstag*, os encarcerados passavam por situações de violência e em alguns casos eram executados. Porém, algumas dessas pessoas após meses de prisão eram libertados. As modificações nesse sistema de encarceramento iniciaram em 1934, com Heinrich Himmler que reorganizou, ampliou e passou a controlar todo o sistema concentracionário. De 1936 em diante, grandes campos como Sachsenhausen (1936), Buchenwald (1937), Flossenbürg (1938), Mauthausen (1938) e Ravensbrück (1939); foram inaugurados. Esses campos fizeram parte de um sistema que propôs três soluções para a “questão judaica”, sendo a primeira a expulsão, a segunda a concentração e por último o extermínio.

O campo de Auschwitz foi construído próximo a uma aldeia na cidade de *Oświęcim*na Polônia, onde se encontrava um alojamento do exército polonês. O seu comandante, Rudolf Höss foi nomeado em maio de 1940 e de início Auschwitz era destinado aos poloneses, apenas como campo de quarentena.

Auschwitz foi originalmente concebido com um campo de quarentena para poloneses do governo geral. A princípio, a ideia era manter os poloneses para um campo de concentração no próprio Reich, e Auschwitz serviria apenas como um posto de quarentena transitório, onde prisioneiros seriam mantidos por algumas semanas para se saber se tinham alguma doença contagiosa, como tifo ou febre tifoide. (Rudolf Höss apud GOLDENSOHN, 2005, p.351)

O seu único crematório tinha a finalidade de incinerar os cadáveres para evitar epidemias. Porém, em 1941 com a visita de Himmler, auma modificação. Höss recebe a ordem de ampliar ao máximo o campo. Deveriam comportar 100 mil prisioneiros de guerra, além de possuírem oficinas de carpintaria e metalúrgica “e que 10 mil prisioneiros fossem colocados à disposição do IG Farben, o maior grupo da indústria química alemã” (VENEZIA, 2010, p. 208), pois estava construindo uma nova fábrica nas proximidades do campo. Essa ordem de ampliação e a crescente chegada de novos prisioneiros levaram a construção de Auschwitz II – Birkenau e Auschwitz III – Monowitz, ambos inaugurados durante o ano de 1942 e novos crematórios em 1943.

Auschwitz, no mesmo ano, é incorporado ao processo da solução final, por ser considerado capaz, devido as suas proporções, a realizar extermínio em larga escala. O complexo, até então, não possuía câmaras de gás e para que fossem construídas utilizaram como modelo às câmaras do campo de Treblinka. O gás Zyklon B, antes utilizado para desinfecção, seria usado para a eliminação dos prisioneiros.

Mandei converter em câmaras de gás duas velhas casas da fazenda meio afastadas do campo. Mandei remover as paredes entre os aposentos e cimentar as paredes externas para deixa-las à prova de vazamento. O primeiro transporte vindo do governo- geral foi trazido para lá. As pessoas foram mortas com gás Zyklon B. (Rudolf Höss apud GOLDENSOHN, 2005, p.354)

O campo de Birkenau foi construído para ser um campo de prisioneiros de guerra soviéticos, porém meses após sua construção se tornou um campo para prisioneiros judeus. Sendo as câmaras de gás do complexo, já citadas, construídas em seu campo e se tornando parte fundamental da solução final.

O plano³⁵² previa a deportação para os campos; a eliminação imediata dos judeus considerados inaptos para o trabalho (sob uma definição bem ampla, englobando a grande maioria da população); e a exploração até a morte da minoria submetida ao trabalho forçado. (VENEZIA, 2010, p. 210)

³⁵² A Conferência de Wannsee, em 1942, definiu planos para eliminar os judeus da Europa.

A construção do campo de Monowitz se deu devido a crescente demanda de novos prisioneiros e da utilização dessa mão – de - obra. Havia a necessidade de construção dos canteiros de obras e campos para facilitar a utilização do trabalho forçado nas fábricas. Devido a isso, Monowitz foi construído próximo a uma fábrica da IG Farben. “Em Monowitz ficavam todos os campos de trabalho pertencentes à Auschwitz” (Rudolf Höss apud GOLDENSOHN, 2005, p. 359). Os prisioneiros eram levados para o campo de trem, e ao chegarem eram realizadas seleções para eliminar os prisioneiros que não possuíam mais condições de trabalho.

“MAIO DE 1934. Dentro de cada um dos vagões fechados, noventa pessoas se amontoavam. O fedor das latas de urina, que de tão cheias derramavam, era tão forte que tornava o ar irrespirável” (NYISZLI, 2000, p. 25). Nyiszli, um médico judeu húngaro, inicia o seu testemunho relatando as péssimas condições em que os prisioneiros viviam nos vagões até chegarem aos campos de concentração, no seu caso especificamente, até chegar a Auschwitz.

O autor não foi o único que relatou esse episódio, vários sobreviventes compartilham da mesma vivência. Vagões lotados, com pequenas janelas que possuíam grades ou arrame farpado. Recebiam pacotes com comida, geralmente pão, que não eram suficientes e por isso acabavam antes de chegarem ao destino. A água também era escassa. Não conseguiam se mover dentro do vagão e tinham que urinar e defecar dentro de baldes.

Para se ter alguma privacidade, um cobertor foi estendido separando os homens das mulheres. Um segundo cobertor foi utilizado para isolar o latrão que servia para as necessidades. Mal podíamos nos deslocar. (VENEZIA, 2010, p. 52)

Os trilhos levavam os vagões até o interior do campo. Nesse momento os prisioneiros eram conduzidos, com violência, para o pátio. Iniciava-se a seleção. Homens e mulheres eram colocados em filas separadamente e as crianças eram deixadas com as mães. “Ouvimos gritos solicitando que médicos, dentistas e barbeiros se apresentassem, formando um terceiro grupo, entre homens e mulheres” (LAKS; SENDER, 2008, p. 83). As filas passavam diante de um médico que novamente dividia os prisioneiros em grupos. De um lado, pessoas saudáveis, aptas ao trabalho; do outro, pessoas consideradas incapazes, doentes, aleijadas, crianças pequenas e idosos. O primeiro grupo, assim como os médicos, dentistas e barbeiros

permaneciam no campo, Os demais prisioneiros eram levados para o extermínio.

O grupo apto ao trabalho era levado para uma sala aonde tiravam as roupas e passavam por uma nova seleção. Após esse procedimento, todos os pelos do corpo eram raspados para evitar as epidemias de tifo e os prisioneiros passavam por um processo de desinfecção. Recebiam roupas, já usadas que não poderiam ser perdidas. Os prisioneiros que iriam permanecer em Auschwitz eram tatuados com o seu número de registro no campo, a partir daquele momento perdiam a sua identidade e passavam a ser apenas um número. Nos demais campos, o número do registro era costurado nas roupas. Além do sistema de identificação por números, cada tipo de prisioneiro era identificado por triângulos coloridos, pregados em suas vestes.

O aumento da população concentracionária tornou necessária a adoção de um sistema de identificação das categorias, com triângulos de diferentes cores: vermelho para políticos, negro para os sociais, marrom para os ciganos³⁵³, roxo para as testemunhas de Jeová (*Bibelforscher*), cor-de-rosa para os homossexuais, verde para criminosos penais, azul para apátridas e dois triângulos cruzados, sendo um deles amarelo, para os judeus (VENEZIA, 2010, p. 199).

Os prisioneiros, então, eram levados para os galpões dormitório. Lugares sujos, frios e apertados, devido à quantidade de pessoas. Não havia beliche para todos, por isso tinham que dividir o leito, muitas vezes com até três pessoas. Quando chegavam aos galpões recebiam uma tigela e uma colher, quem a perdesse não ganharia sopa. Por isso, segundo testemunhos, esses utensílios eram frequentemente roubados e se tornaram importante moeda de troca dentro do campo, assim como o cigarro e o pão. A sopa que recebiam a noite era rala e com aspectos de água suja. Ao amanhecer do dia, recebiam pão e, às vezes, uma espécie de café. “Soubemos mais tarde que o pão quase não continha farinha. Era uma experiência para saber quanto tempo uma pessoa pode sobreviver consumindo pão feito de serragem e um pedaço de salame que não continha carne” (LAKS; SENDER, 2008, p. 97).

Todas as manhãs, tardes e noites, os prisioneiros eram colocados novamente em filas no pátio, aonde eram realizadas as contagens e novas seleções. Com essa

³⁵³Havia uma área no campo de Birkenau destinada exclusivamente para os ciganos. Essa área era usada para convencer a Cruz Vermelha em suas fiscalizações, por isso eles possuíam liberdade para manifestar suas tradições. No entanto, quando o número de prisioneiro em Auschwitz aumentou, foram levados para as câmaras de gás. Sobrevivendo apenas os ajudantes do Kapos.

atividades controlavam a quantidade de alimento para cada galpão, o número de baixas do dia e selecionavam os mais fracos e doentes para a morte.

O extermínio era camuflado, as pessoas poderiam imaginar o que acontecia, mas nunca poderiam ter a comprovação. Era tratado através de códigos, assim como se fazia acreditar que os prisioneiros eram levados para os campos de concentração apenas para o trabalho.

Além disso, toda correspondência referente ao assunto ficava sujeito a rígidas “regras de linguagem”, e, exceto nos relatórios dos *Einsatzgruppen*, é raro encontrar documentos em que ocorram palavras ousadas como “extermínio”, “eliminação” ou “assassinato”. Os codinomes prescritos para o assassinato eram “solução final”, “evacuação” (*Ausssiedlung*), e “tratamento especial” (*Sonderbehandlung*); [...] Só entre si podiam os “portadores de segredos” falar em linguagem não codificada, e é muito pouco provável que o fizessem na realização comum de seus deveres criminosos (ARENDDT, 1999, p. 100).

Os prisioneiros após a seleção eram levados para as câmaras de gás, após dias de viagem nos vagões imundos, era dito que passariam por um banho de desinfecção, assim como o grupo selecionado para o trabalho. Aos prisioneiros que já estavam a mais tempo no campo, também era dito que passariam por banho, levando em consideração que isso raramente acontecia. Porém, com o passar do tempo, os prisioneiros antigos sabiam que na verdade o banho era um encontro com a morte; assim como ir para a enfermaria.

Compreendi que aquilo era a pior coisa que se podia fazer um homem. Tirar tudo que era seu – posses, orgulho, autoestima – e depois mata-lo. Lentamente A ausência de compaixão de um homem com outro não chega perto de descrever aquilo. (AVEY; BROOMBY, 2011, p. 157).

Com o objetivo de manter a encenação, as câmaras possuíam o aspecto de um grande banheiro com chuveiros e prisioneiros eram usados para acalmar os demais, respondendo perguntas e confirmando que aquilo era apenas um banho.

Depois as pessoas eram trazidas às câmaras de extermínio e, vendo-se acompanhadas daqueles prisioneiros, ficavam calmas. A coisa era feita de modo que todas as câmaras eram enchidas ao mesmo tempo. No último momento, quando já estavam lotadas, os prisioneiros que trabalhavam para nós escapuliam, as portas eram trancadas e o gás Zyklon B era injetado através de aberturas pequenas.” Havia algum pânico entre as pessoas antes de seu assassinato? “Sim, às vezes, mas agíamos friamente, e cada vez mais com o passar do tempo. Os homens eram sempre exterminados numa câmara separada, e as mulheres e crianças juntas na mesma câmara. (GOLDENSOHN, 2005, p. 355)

Após alguns minutos todos estavam mortos e os corpos eram levados para o

crematório, para que não sobrassem evidências. Em 1942, durante o período de ampliação e Auschwitz, um novo prédio com salas de despir, câmaras de gás e crematório foram construídos. As quatro câmaras de gás do prédio eram subterrâneas, as duas maiores comportavam 2 mil pessoas, e as menores 1600.

As instalações, em determinados momentos, não comportavam o crescente número de novos carregamentos. “Queimar 2 mil pessoas levava cerca de 24 horas nos cinco fornos. Geralmente só conseguíamos cremar de 1700 a 1800. Estávamos portanto sempre atrasados em nossa cremação [...]” (Rudolf Höss apud GOLDENSOHN, 2005, p. 357). Devido a isso, utilizavam os fossos. Antes do uso dos crematórios e até mesmo dos fossos, os corpos eram enterrado em valas comuns. Porém, com a necessidade esconder as evidências esse novo sistema foi incorporado. Mas tarde, com a aproximação da queda do regime nazista, os prisioneiros foram obrigados a desenterrar esses corpos e jogá-los nos fossos, para que também fossem queimados.

Os prisioneiros que ficavam no campo, tinha sua mão- de – obra aproveitada pelos nazistas. Muitos eram forçados ao trabalho, outros viam nesse trabalho uma forma de se manterem úteis e conseqüentemente, vivos.

Então, pude ver qual era nosso destino – um imenso campo superlotado, com alojamentos baixos circundados por uma cerca dupla de arame farpado suspensa. [...] Torres de vigilância localizadas a pequenos intervalos entre si mantinham rigorosa fiscalização dos presos, e guardas da SS patrulhavam o local. Deixamos a trilha principal e nos dirigimos à entrada. Era ali que suas vidas curtas se desenrolavam, e onde competiam por naco de pão ou sucumbiam. Ainda estava claro quando passamos pelo portão e o aviso que portava a promessa cruel “*Arbeit Macht Frei*” – o trabalho liberta. Na hora, não percebi que a ironia dessas palavras seria vociferada durante décadas. Chegáramos a Auschwitz III – Monowitz (AVEY; BROOMBY, 2011, p. 148).

Os trabalhos eram das mais variadas espécies, trabalhavam nas minas, em atividades cotidianas do campo e nas fábricas construídas nas proximidades dos campos. No caso de Auschwitz, o trabalho dos prisioneiros de Monowitz era utilizado em uma fábrica da I.G Farben. E por vez, realizavam trabalhos inúteis.

Estávamos à espera do nosso destino: o de sermos vendidos para o trabalho. Enquanto isso não ocorria, éramos submetidos a todo tipo de tortura: formação, contagem, cavar buracos e depois fechá-los, carregar pedras para um lado e depois trazê-las de volta, levar vinte e cinco pancadas por nada, pagar com a vida por um naco de pão... [...] Tínhamos

que ser úteis de alguma forma para tentar escapar à morte. qualquer coisa servia; carregar tijolos, sacos de areia ou pegar a vassoura. Essas eram atividades que apareciam de vez em quando. Eu sabia que não sairíamos vivos, porque já haviam dito que a única saída era pela chaminé. (LAKS;SENDER, 2008, p. 101)

O trabalho, além de ser uma fonte lucrativa, também era usado como uma forma de extermínio. As péssimas condições de trabalho (principalmente nas minas e fábricas) em conjunto com a má alimentação, geravam acidentes e doenças levando muitos à morte. “Quanto às condições das fábricas, a ideia era, claramente, matar por meio do trabalho; segundo Hilberg, morreram pelo menos 25 mil dos aproximadamente 35 mil judeus que trabalhavam numa fábrica da I.G. Farben.” (ARENDDT, 1999, p.93).

Os prisioneiros eram selecionados para o trabalho conforme as suas profissões antes de entrarem no campo. Médicos, dentistas e cabeleiros eram bem requisitados, pois eles trabalhavam no processo de seleção, tiragem dos dentes de ouro e raspagem dos pelos. Concentracionários, de diferentes regiões, que soubesse alemão também eram utilizados, a comunicação dos oficiais com os prisioneiros era difícil, pois havia pessoas de diversas etnias. Os prisioneiros interpretes eram utilizados, como já citado, para acalmar e dar as instruções para os que chegavam nos novos carregamento.

Outro cargo que os prisioneiros poderiam exercer era o de *Kapo*. Essa tarefa consistia em supervisionar e coordenar os alojamentos e as brigadas de trabalho. Geralmente eram criminosos comuns, presos políticos, poloneses, russos e mais tarde até mesmo alguns judeus estavam nessa posição. Em troca dos serviços, recebiam roupas melhores, mais comida, acesso a mulheres e outros privilégios. Os *kapos*, devido a sua posição dentro do campo, eram caracterizados pela violência.

Mas o poder de que dispunha os funcionários dos quais se fala, inclusive os de escalão inferior, como os *Kapos* das brigadas de trabalho, era substancialmente ilimitado; ou melhor, à sua violência se impunha um limite inferior, no sentido de que eles eram punidos ou destituídos se não se mostrassem suficientemente duros, mas nenhum limite superior. Em outros termos, estavam liberados para cometer contra seus subordinados as piores atrocidades a título de punição para qualquer transgressão, ou mesmo sem motivo algum: até o fim do ano de 1943, não era raro que um prisioneiro fosse assassinado a pancadas por um *Kapo*, sem que este tivesse de temer qualquer sanção. (LEVI, 2004, p. 39)

Os demais prisioneiros realizavam outras atividades dentro do campo, como limpar

as latrinas, que adiavam as suas mortes. E alguns eram selecionados para trabalharem no *Sonderkommando*.

O *Sonderkommando* era um comando especial em que os prisioneiros eram designados a trabalharem no processo de extermínio. Os prisioneiros selecionados para essa função eram levados para galpões separados, para que as informações das câmaras de gás e crematórios não fosse divulgadas para os demais. Por esse mesmo motivo, conter informações, os trabalhadores do *Sonderkommando* eram frequentemente substituídos, cada grupo permanecia no *Kommando* de três a quatro meses, então novos prisioneiros eram selecionados para o trabalho e os antigos eram mortos.

O futuro do *Sonderkommando* estava firmemente circunscrito ao tempo. A dolorosa experiência de quatro anos mostrava que esse tempo era de quatro meses. No fim desse período, uma companhia da SS chegava. O *Kommando* inteiro era reunido no pátio dos fundos do crematório. Uma metralhadora espocava. Meia hora depois um novo esquadrão de *Sonderkommando* chegava. Eles tiravam a roupa de seus companheiros mortos, dos quais, alguns minutos depois, só cinza restavam. A primeira tarefa de cada *Sonderkommando* era cremar seus predecessores. (NYISZLI, 2000, p.81)

No momento em que eram selecionados para esse comando especial, os prisioneiros eram levados para esses galpões e logo após, levados para o dormitório no próprio crematório. Eram proibidos de estabelecer contato com outros prisioneiros e mal conversavam entre si. Recebiam mais alimentação e por alguns meses tinham condições melhores em relação aos outros prisioneiros. Porém, o cotidiano do seu trabalho era enlouquecedor.

Os Esquadrões Especiais eram constituídos em sua maior parte pelos judeus. Por outro lado, isso não pode espantar, uma vez que o objetivo principal dos *Lager* era destruir os judeus e que a população de Auschwitz, a partir de 1943, era constituída por judeus numa proporção entre 90 e 95%; por outro, fica-se atônito diante desse paroxismo de perfídia e de ódio: os judeus é que deveriam pôr nos fornos os judeus, devia-se demonstrar que os judeus, sub-raça, sub-homens, se dobram a qualquer humilhação, inclusive a destruição de si mesmos. Além do mais, atestou-se que nem todos os SS aceitavam de bom grado o massacre como tarefa cotidiana; delegar às próprias vítimas uma parte do trabalho, e justamente a mais suja, devia servir (e provavelmente serviu) para aliviar algumas consciências. (LEVI, 2004, p. 44)

Os membros do *Sonderkommando* conduziam os prisioneiros para as câmaras de gás. Estavam presentes em todo o processo e após a morte dessas pessoas, retiravam os corpos das câmaras e levavam para a cremação, nos fornos ou nos

fossos. Para que todas as tarefas fossem realizadas, dividiam-se em subgrupos e cada um desses recebia uma função.

Uma vez lançado o gás, as coisas duravam dez ou 12 minutos e, finalmente, não se ouvia mais barulho algum, nenhuma viva alma. Um alemão verificava se estavam todos bem mortos, olhando pela janelinha de vidro da pesada porta (pelo lado de dentro era protegida por barras de ferro, para evitar que as vítimas tentassem quebrá-la). Tendo certeza de que todos estavam realmente mortos, abria a porta e logo ia embora, colocando a ventilação para funcionar. Durante 20 minutos ouvia-se um ronco forte, como o de uma máquina aspirando ar. Depois, podíamos enfim começar a extrair os cadáveres da câmara de gás. (VENEZIA, 2010, p. 94)

Os corpos eram retirados e quando eram de pessoas recém-chegadas que não haviam passado pelo processo de raspagem, os prisioneiros retiravam os cabelos e os dentes de ouro. Logo após, os corpos eram colocados em um elevador de carga e levados para o andar de cima. Colocavam dois corpos por maca e levavam ao forno. Todo esse processo deveria ocorrer sem erros, se houvesse algum atraso os prisioneiros eram acusados de sabotagem e sujeitos a castigos e até mesmo a morte.

O pior era sobretudo o início, quando era preciso retirar os primeiros corpos, pois não tínhamos apoio. Os corpos ficavam tão embaralhados, esmagados uns sobre os outros; pernas para cá, cabeça para lá. Os cadáveres se amontoavam a mais de um metro ou um metro e meio de altura. (VENEZIA, 2010, p. 96)

Após a cremação dos corpos faziam a limpeza do local. Cabelos, sangue ou qualquer outro vestígio do verdadeiro propósito daquele lugar deveria ser apagado. Uma nova camada de cal era passada nas paredes e os ventiladores arejavam o ambiente. O chão molhado só reafirmava que aquele era um local para banho e desinfecção. E novos carregamentos chegavam. “Trabalhávamos em dois turnos, um de dia e outro à noite, pois o trabalho nunca devia parar” (VENEZIA, 2010, p. 97).

Os membros do comando também eram responsáveis por retiravam às cinzas para que fossem levadas por um caminhão e jogadas no rio. Os ossos que não haviam queimado completamente eram moídos e jogados juntos com as cinzas. Cuidavam da manutenção dos fornos, catalogavam as roupas e conteúdos das bagagens. “O Esquadrão Especial de Auschwitz contava, dependendo da época, com um efetivo entre setecentos e mil prisioneiros” (LEVI, 2004, p. 43).

“A zona cinzenta”³⁵⁴ e a necessidade de contar o trauma.

Há inúmeras discussões a respeito da necessidade de se narrar o trauma, a moralidade dentro dos campos, e de certa forma o julgamento desses prisioneiros, principalmente dos sobreviventes que prestaram algum tipo de serviço para os nazistas dentro dos campos. Havia prisioneiros que se voluntariavam, porém grande parte deles eram simplesmente selecionados para determinada função.

O campo foi uma situação extrema, em que antigos valores são modificados e novos surgem.

É uma zona cinzenta, com contornos mal definidos, que ao mesmo tempo separa e une os campos dos senhores e dos escravos. Possuem uma estrutura interna incrivelmente complicada e abriga em si o suficiente para confundir nossa necessidade de julgar. (LEVI, 2004, p. 36)

Como demonstra Levi e Todorov, não cabe a nós julgar e nem perdoar. Nada garante que em uma situação extrema agiríamos de uma forma diferente. Como apresenta Levi, os membros dessa “zona cinzenta”, aonde ocorre à interação entre o carrasco e vítima, não podem ser julgados em termos apenas jurídicos. Devem ser analisados psicologicamente e antropologicamente. Também não podemos cometer o erro de igualar carrascos e vítimas. As vítimas colaboraram com o trabalho para o sistema, mas continuam sendo vítimas. Foi uma questão de sobrevivência.

Não é verdade que a vida no campo de concentração obedeça unicamente a lei da selva: as regras da sociabilidade não são mais as mesmas, mas nem por isso deixam de existir. Roubar a administração não só é lícito, como merece admiração; em contrapartida, roubar, sobretudo pão, de outros prisioneiros é desprezível e, na maioria das vezes, severamente sancionado. [...] Os dez mandamentos, escreve Anna Pawerczynska, sobrevivente de Auschwitz, não tinham desaparecido, mas eram reinterpretados. Matar podia ser um ato moral, se, com isso, interrompia-se a carreira de um assassino cruel. O falso testemunho poderia tornar-se uma ação virtuosa, se permitisse salvar vidas humanas. Amar o próximo como a si mesmo era uma exigência excessiva, mas evitar prejudicá-lo, não. (TODOROV, 1995, p. 45)

Os prisioneiros, após a libertação narram em seus testemunhos à necessidade de relatar o que viveram. Muitos se sentiram frustrados por serem desacreditados. As pessoas não acreditaram ou não queriam acreditar, devido às proporções do sofrimento narrado. Outros julgavam os sobreviventes como loucos, “me virei e surpreendi um amigo seu, gesticulando para avisar que eu era completamente

³⁵⁴Termo utilizado por Primo Levi.

louco” (VENEZIA, 2010, p. 185). Por isso, ao narrar o trauma, há sobreviventes que escolhem a literatura como meio para suprir suas necessidades.

A narrativa teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma *ponte* com “os outros”, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do *Lager*. A narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar este muro. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66)

O sentimento de culpa ou vergonha, assim como a necessidade de testemunhar, foi algo comum entre muitos sobreviventes. Culpa por não terem lutado, por suas atitudes dentro do campo e muitas vezes, até mesmo, por terem sobrevivido e os demais não. Devido a isso, ocorreram muitos suicídios³⁵⁵ no pós-libertação.

À saída da escuridão, sofria-se em razão da consciência readquirida de ter sido aviltado. Não por vontade, não por pusilanimidade, nem por culpa, vivemos durante meses ou anos num nível animalesco: nossos dias tinham sido assolados, desde a madrugada até a noite, pela fome, pelo cansaço, pelo frio, pelo medo e o espaço para pensar, para raciocinar, para ter afeto, tinha sido anulado. Suportávamos a sujeira, a promiscuidade e a destituição, sofrendo com elas muito menos do que sofreríamos na vida normal, porque nosso metro moral havia mudado. Além disso, todos roubáramos: na cozinha, na fábrica, no campo, roubáramos “dos outros”, da contraparte, mas era furto do mesmo modo; alguns (poucos) se rebaixaram até o ponto de roubar o pão do próprio companheiro. Esquecêramos não só nosso país e nossa cultura, mas a família, o passado, o futuro que nos havíamos proposto, porque, como animais, estávamos restritos ao momento presente. (LEVI, 2004, p. 65)

O que é fica claro é que todas essas atrocidades vividas no campo, o sofrimento da retomada de consciência, o sentimento de culpa e a agonia de não ser ouvido, gerou um aprofundamento do trauma dos sobreviventes. É comum aparecerem nos relatos o desconforto que a frequente retomada dessas memórias causa.

O que aquela experiência extrema destruiu em você?

A vida. Não tive mais uma vida normal. Não pude mais fingir que tudo ia bem e, como todo mundo, sair para dançar e me divertir tranquilamente... Tudo me leva de volta ao campo. O que quer que faça, o que quer que veja, meu espírito sempre retorna ao mesmo lugar. É como se o “trabalho” que precisei fazer ali nunca tivesse realmente saído da minha cabeça... Nunca se deixa por completo o Crematório. (VENEZIA, 2010, p. 188)

Devido a essas experiências e o desconforto de conviver com as memórias do ocorrido que muitos prisioneiros, como já citado, cometeram o suicídio após a

³⁵⁵Dentro dos campos o suicídio raramente acontecia, por três motivos: Os prisioneiros estavam subjugados, não podiam decidir que fazer de suas vidas, não tinham o direito de escolher o suicídio; A fome fazia com que ficassem focados em resolver esse problema e não pensarem em mais nada; Os que se sentiam envergonhados e queriam se punir não pensavam no suicídio, porque viver no campo já era uma punição.

libertação.

Auschwitz não é o inferno. Auschwitz é pior que o inferno. Para mim, Auschwitz consiste em um marco divisório na história da humanidade: antes e depois de Auschwitz. O que vimos lá em uma só noite não veríamos em cem anos em outro lugar. Às vezes, pergunto-me como consegui sobreviver àquilo tudo. Cada um de nós só pensava em sobreviver. Não sei explicar o motivo, mas ainda queríamos sobreviver. (LAKS; SENDER, 2008, p. 82.)

É importante ressaltar, que essas atividades que os prisioneiros realizavam foram essências para sua sobrevivência. O trabalho em posições como o *Sonderkommando* e o cargo de *Kapo*, proporcionavam instalações um pouco melhores, mais comida e uma chance maior de sobrevivência. Manter-se útil, trabalhando, era uma forma de adiar a morte e ter a esperança de sobreviver ao campo. Os prisioneiros sentiram culpa em realizar os trabalhos nos campo, de participarem da zona cinzenta, mesmo sendo obrigados a isso, e o trauma no pós-libertação foi evidente.

Referências

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Trad.: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

_____. **Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 8ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AVEY, Denis; BROOMBY, Rob. **O homem que venceu Auschwitz: uma real história sobre a Segunda Grande Guerra**. Trad.: Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

GOLDENSOHN, Leon. **As entrevistas de Nuremberg**. Trad.: Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LAKS, Aleksander Henryk; SENDER, Tova. **O sobrevivente: memória de um brasileiro que escapou de Auschwitz**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad.: Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

_____. **Os Afogados e os sobreviventes**. Trad.: Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

NYISZLI, Miklos. **Auschwitz**: o testemunho de um médico. Trad.: Roberto Goldkorn. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>

_____. **Testemunho da Shoah e literatura**. Disponível em: http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/aula_8.pdf

TODOROV, Tzvetan. **Em face do extremo**. Trad.: Egon O. Rangel e Enid A. Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

_____. **Memória do mal, tentação do bem**: indagações sobre o século XX. Trad.: Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: Arx, 2002.

VENEZIA, Shlomo. **Sonderkommando**: no inferno das câmaras de gás. Trad.: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.